



Ciência e Conhecimento: ensaio sobre como se conhece o mundo

Science and Knowledge: An Essay on How the World is Known

Ciencia y conocimiento: Un ensayo sobre cómo se conoce el mundo

Mayara Andresa Pires da Silva^a

^a Universidade de Pernambuco (UPE)

Palavras-chave

Conhecimento e ciência, epistemologia, fato social total, racionalização.

Keywords

Knowledge and science, epistemology, total social fact, rationalization.

Resumo

Este ensaio teórico discute como se conhece o mundo, problematizando os meios de conhecimento e as áreas do saber a partir de uma abordagem crítica. O objetivo é contribuir para o campo da Administração e dos Estudos Organizacionais, onde ganha força o questionamento sobre a neutralidade científica, propondo que a produção de conhecimento deve visar não apenas a compreensão, mas também a transformação da realidade social. A reflexão apoia-se em um olhar epistemológico que dialoga com as chamadas epistemologias do Sul, enfatizando a ecologia de saberes e a justiça cognitiva. Conclui-se que a superação da crise de paradigma na ciência moderna exige uma prática científica reflexiva, prudente e comprometida com a emancipação social.

Abstract

This theoretical essay discusses how we know the world, problematizing the means of knowledge and the areas of understanding from a critical approach. The objective is to contribute to the field of Administration and Organizational Studies, where the questioning of scientific neutrality is gaining strength, by proposing that knowledge production should aim not only at understanding but also at transforming social reality. The reflection is based on an epistemological perspective that dialogues with the so-called epistemologies of the Global South, emphasizing the ecology of knowledge and cognitive justice. It concludes that overcoming the paradigm crisis in modern science requires a reflexive, prudent scientific practice committed to social emancipation.

Informações do artigo

Recebido: 10 de setembro de 2025

Aprovado: 12 de novembro 2025

Publicado: 15 de novembro de 2025

Copyright © 2025 Universidade de Pernambuco (UPE). Todos os direitos reservados.

Autor correspondente:

E-mail: mayara.pires@upe.br

1. INTRODUÇÃO

Ao olhar o mundo, os indivíduos imprimem seus sentimentos, valores e saberes. Mas como esses elementos são esquematizados e percebidos? Partindo deste questionamento, este ensaio discute como conhecemos o mundo, adotando uma abordagem crítica da realidade. Caracteriza-se, assim, por sua natureza reflexiva e interpretativa, distanciando-se de uma classificação dogmática da ciência.

A epistemologia, como ferramenta de reflexão sobre a produção do conhecimento, é central para esta discussão. Planeja-se aqui: a) refletir sobre como o conhecimento é possível ao homem; b) discutir os meios de conhecer e as áreas do conhecimento; e c) contribuir para a compreensão do papel da ciência nesse processo. A crítica, ao confrontar criteriosamente as realidades e suas especificidades, representa uma atitude de resistência frente às estruturas de dominação (Paula, 2008). Como afirmou Adorno (1972, como citado em Batista, 2000, p. 190), "a crítica da sociedade é a crítica do conhecimento e vice-versa".

Em sociedades complexas, coexistem múltiplas formas de conhecimento, cada uma adequada a diferentes práticas sociais (Santos, 2007). O conhecimento científico é uma dessas formas, podendo ser entendido como um conjunto de métodos, um estoque de saberes acumulados, um sistema de valores ou uma combinação desses elementos (Merton, 1984). Um dos grandes desafios para as Ciências Sociais no século XXI é a renovação da Teoria Crítica, problematizando a diversidade e a diferença em um contexto global (Couto & Carrieri, 2018).

Conforme aponta Morin (2005, p. 98), "conhecer comporta 'informação', [...] mas o conhecimento não se reduz a informações; ele precisa de estruturas teóricas para dar fundamento às informações". Nesse sentido, a construção de um referencial epistemológico que conduza a pesquisa científica é pertinente, pois o conhecimento é uma atividade mediada por condicionamentos históricos e sociais (Rolt, 2012).

2. COMO O CONHECIMENTO É POSSÍVEL AO HOMEM?

Desde o desenvolvimento da linguagem, a humanidade busca mecanismos para conhecer e estabelecer relações com o mundo, tentando desmistificar a complexidade da existência. Conhecer é uma atividade especificamente humana que ultrapassa o mero "dar-se conta de", significando a apreensão e a interpretação da realidade. Envolve um sujeito, um objeto, instrumentos de apreensão e um trabalho intelectual, criando uma representação do conhecido que é, em si, uma construção do sujeito (França, 1994).

Ao longo da história, surgiram diversas formas de conhecimento: senso comum, religioso, filosófico, estético e científico. Cada um possui características distintivas e busca, à sua maneira, organizar informações para que o homem apreenda a realidade (Santos, 1989). O conhecimento científico emerge como uma proposta para compensar as limitações dos outros, fruto de um desenvolvimento histórico e social que busca precisão e profundidade (Ávila Araújo, 2006).

No entanto, a ciência não é neutra. Ela opera por meio de esquemas de investigação determinados por tradições e modelos oficializados pela comunidade científica, o que pode gerar restrições e dificuldades para inovações paradigmáticas (Rolt, 2012). A tradição ocidental, amparada na ideia platônica e aristotélica de que a razão leva à verdade, consolidou um projeto de ciência fundamentado na verificação e validação metodológica, onde o "conhecimento científico é conhecimento provado" (Chalmers, 1993, p. 18).



Essa razão moderna, no entanto, foi alvo de críticas profundas. Guerreiro Ramos, por exemplo, argumentava que as ciências naturais ocidentais não se fundamentavam em uma forma pura de conhecimento analítico, mas estavam imersas em uma teia de interesses políticos imediatos justificados por sua produtividade (Webering, 2019). Ao declarar-se como o único conhecimento válido, o conhecimento científico moderno distanciou-se da realidade vivida e do senso comum, dogmatizando-se (Santos, 2007). Bachelard (1996, p. 18) é contundente: "A opinião pensa mal; não pensa: traduz necessidades em conhecimentos. [...] Antes, é preciso destruí-la".

3. A CRISE DO PARADIGMA DA CIÊNCIA MODERNA E A EMERGÊNCIA DE NOVAS ABORDAGENS

A hegemonia do paradigma da ciência moderna começou a ser questionada no século XX. Um paradigma, entendido como um "princípio maior que controla as visões do mundo" (Morin, 2005, p. 22), orienta a organização do conhecimento. Quando um paradigma se mostra insuficiente para explicar a realidade, sobrevém uma crise que pode levar a uma revolução científica e à adoção de um novo paradigma (Kuhn, 1970).

Santos (1989, 2007) identifica que o declínio do paradigma dominante foi marcado por críticas ao indutivismo, descobertas científicas que evidenciaram suas limitações (como as de Einstein e Heisenberg), e um processo de "humanização" da ciência. Esse colapso do consenso positivista permitiu o florescimento do dualismo epistemológico, rompendo com a ideia de que ciências naturais e sociais deviam seguir os mesmos critérios metodológicos.

Nesse contexto de crise, a epistemologia – o estudo metódico e crítico do saber científico – ganha relevância. Dois campos principais emergem do colapso positivista: um que assume categoricamente o dualismo e retoma a tradição fenomenológica e hermenêutica, e outro, o construtivismo racionalista, que mantém vínculos com a filosofia positivista, como o objetivismo e a separação entre fatos e valores (Santos, 2007).

A ciência, outrora vista como elemento libertador, sob a razão instrumental converteu-se em um instrumento de mistificação e manutenção da lógica industrial capitalista (Ávila Araújo, 2006). Reconhece-se, assim, que o fazer científico é portador de interesses e frequentemente usado para legitimar ideologias dominantes (Tesser, 1994). Habermas nos convida a tomar consciência desses interesses subjacentes (como citado em Santos, 2007).

Uma ciência verdadeiramente crítica deve, portanto, adotar uma postura reflexiva. Isso implica superar dicotomias como sujeito/objeto e investigador/investigado, reconhecendo que os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados (Santos, 2007). A transformação da realidade deve ser o objetivo do processo de constituição do conhecimento científico. Como afirma Santos (2007, p. 52), "só existe ciência enquanto crítica da realidade a partir da realidade que existe e com vista à sua transformação numa outra realidade".

4. CONTRIBUIÇÕES PARA UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO RENOVADO NA ADMINISTRAÇÃO

A reflexão epistemológica é particularmente urgente no campo da Administração e dos Estudos Organizacionais. Como destacado no ensaio "O que queremos com a epistemologia?", há no Brasil um esforço de institucionalização da epistemologia, porém com dificuldade de transformar esses estudos em capacidade de ressignificação e aprimoramento dos modos de produção do conhecimento (Sá & Mattos, 2016). Os autores defendem uma "teorização modesta", entendida como uma atividade de elaboração de linguagem articulada sobre o social, que é totalmente dependente da epistemologia. Essa abordagem evita a mera aplicação de teorias "ultramarinas" e incentiva a criação de soluções metodológicas sob medida para problemas locais.

Nesse sentido, a análise de fenômenos organizacionais pode se beneficiar de conceitos como o "fato social total", proposto por Marcel Mauss. Segundo Chanlat (2020), um fato social total é aquele que mobiliza a totalidade da sociedade e suas instituições, envolvendo os indivíduos em sua integralidade (corpo, mente e sociedade). A pandemia de COVID-19, por exemplo, é ilustrada como um fato social total, pois afetou todas as dimensões da vida – econômica, política, jurídica, social e subjetiva –, revelando as interdependências e fraturas da globalização. Analisar tais fenômenos requer uma visão totalizante, que o paradigma disciplinar e fragmentado da ciência moderna nem sempre permite.

Além disso, a crítica à racionalização instrumental, tema central no artigo de Torres e Jaime (2021), é fundamental. Os autores mostram como a lógica do capitalismo neoliberal, sob a égide de uma "gestão flexível", promove uma "racionalização do desejo" onde o trabalhador é levado a projetar seus ideais pessoais na organização, extrapolando seus limites físicos e psíquicos. Esse processo, que leva ao sofrimento no trabalho, evidencia como a ciência administrativa tradicional, frequentemente funcionalista, pode ser cúmplice de dinâmicas organizacionais opressivas. Uma epistemologia crítica permite desvendar esses nexos, mostrando que a gestão não é uma técnica neutra, mas uma prática social carregada de valores e consequências para a subjetividade.

5. PARADIGMA EMERGENTE: EM DIREÇÃO A UMA CIÊNCIA PRUDENTE E A UMA ECOLOGIA DE SABERES

Diante das limitações da ciência moderna, Santos (2007) propõe um paradigma emergente, alicerçado em uma "ciência prudente para uma vida decente". Esta ciência tem a transformação da realidade como seu critério de verdade e é consciente das consequências de suas intervenções. Seu fundamento é a ecologia de saberes, que reconhece a pluralidade de conhecimentos existentes (populares, tradicionais, artísticos, científicos) e promove o diálogo entre eles, superando a monocultura do saber científico.

Esse diálogo pressupõe uma aproximação crítica com o senso comum. Em vez de rejeitá-lo como conhecimento falso, entende-se que o senso comum "razoável" é um elemento essencial para uma sabedoria prática (*phronesis*) que organiza a vida em sociedade (Santos, 2007; Rolt, 2012). O conhecimento científico deve aspirar a se constituir em um "novo senso comum", enriquecido e reflexivo, acessível à maioria e em diálogo constante com a realidade vivida.

Essa perspectiva se desdobra nas epistemologias do Sul (Santos, 2007, 2018), que contestam o caráter



eurocêntrico e colonial da ciência moderna. Apoiando-se na sociologia das ausências (que torna visível o que a ciência dominante ignora), na sociologia das emergências (que valoriza as possibilidades de futuro contidas nas experiências marginais) e na tradução intercultural, as epistemologias do Sul defendem que não pode haver justiça social global sem justiça cognitiva global. É preciso romper com o silêncio imposto às vozes dos oprimidos, dos explorados e das vítimas do projeto moderno-colonial.

Isso implica, na prática de pesquisa, abandonar metodologias expropriadoras, que apenas extraem conhecimento dos sujeitos, e adotar abordagens que construam conhecimento com eles. O pesquisador precisa expor seus vieses e valores, reconhecendo que "todas as proposições de observação vão ser afirmações singulares. Elas resultam do uso que um observador faz de seus sentidos num lugar e tempo específicos" (Chalmers, 1993, p. 25). A objetividade não está na neutralidade impossível, mas na reflexividade sobre sua própria posição no mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colocação apropriada de conceitos pode proporcionar um meio fecundo de obtenção de insight e levar à formulação de uma lógica de descoberta (Ramos, 1989). Este ensaio, ao refletir sobre o processo de construção do conhecimento, demonstrou que a maneira como conhecemos o mundo não é inocente. A ciência moderna, com seu projeto de dominação da natureza e fundada em uma razão instrumental, mostrou-se insuficiente e, muitas vezes, cúmplice de formas de opressão.

A superação dessa crise paradigmática exige uma prática científica renovada, que esteja à altura dos "fatos sociais totais" que caracterizam nossa época, como a pandemia e as crises ecológica e social. Tal prática deve ser: a) Reflexiva: Capaz de autointerrogação sobre seus pressupostos e interesses; b) Prudente (*Phronética*): Preocupada com as consequências de sua ação e orientada para uma vida decente; c) Dialógica: Comprometida com a ecologia de saberes e a justiça cognitiva, aprendendo a escutar os sujeitos epistemológicos do Sul; e, d) Transformadora: Tendo a transformação emancipatória da realidade como seu objetivo último.

Como conclui Rolt (2012, p. 5), tal premissa parece lentamente ganhar espaço em uma produção científica que "aposta num paradigma mais preocupado com um conhecimento prudente e que auxilie a humanidade em tudo aquilo que pode torná-la menos sofrível, individualista e desencantada". Espera-se que este trabalho contribua para esse debate urgente e necessário, interrogando as possíveis interações entre ciências, conhecimentos, filosofia e epistemologia na construção de um mundo mais justo e sábio.

REFERÊNCIAS

- Ávila Araújo, C. A. (2006). A ciência como forma de conhecimento. **Ciência e Cognição**, 11(1), 127-142.
- Bachelard, G. (1996). **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Contraponto.
- Batista, S. S. S. (2000). Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação. **Revista Educação & Sociedade**, 21(73), 189-204.

- Chanlat, J. F. (2020). A catástrofe sanitária atual: um fato social total? **Ciências em Debate**, 4, 80-106.
- Chalmers, A. F. (1993). **O que é ciência, afinal?** Editora Brasiliense.
- Couto, F. F., & Carrieri, A. P. (2018). Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação nos Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, 16(4), 631-641.
- França, V. R. V. (1994). Teoria(s) da comunicação: busca de identidade e de caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, 23(2), 138-152.
- Kuhn, T. S. (1970). **A estrutura das revoluções científicas**. Perspectiva.
- Merton, R. K. (1984). **Sociologia da ciência**. Edusp.
- Morin, E. (2005). **Ciência com consciência** (8a ed.). Bertrand Brasil.
- Paula, A. P. P. (2008). **Teoria Crítica nas organizações**. Thomson Learning.
- Ramos, A. G. (1989). **A nova ciência das organizações: Uma reconceituação da riqueza das nações** (2a ed.). Editora da FGV.
- Rolt, C. (2012). Pensar a epistemologia das Ciências Sociais na contemporaneidade: dilemas de uma ciência incerta. **Sociedade e Cultura**, 14(2), 1-10.
- Sá, M., & Mattos, P. L. (2016). De Pequenos Negócios de Feira à Metodologia Científica: avanços a partir de (e para) experiências em contexto agreste. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 3(7), 605-644.
- Santos, B. S. (1989). **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Afrontamento.
- Santos, B. S. (2007). **Um discurso sobre as ciências** (7a ed.). Cortez.
- Santos, B. S. (2018). **Na oficina do sociólogo artesão: Aulas 2011-2016**. Cortez.
- Tesser, G. J. (1994). Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em Revista**, 10, 91-98.
- Torres, C. L. C. L., & Jaime, P. (2021). Da racionalização instrumental à racionalização do desejo: A sedução da gestão flexível e as vivências de sofrimento no trabalho de publicitários. **Anais do VII Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**.
- Webering, S. I. (2019). Os 'Pontos Cegos' das Teorias Organizacionais Segundo Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR**, 17(3), 435-447.



**Revista
Pernambucana de
Administração**
Universidade de Pernambuco (UPE)